



Artigo

TECENDO TEIAS E RAÍZES: ENTREMEIOS DA CULTURA DEF

WEAVING WEBS AND ROOTS: BETWEEN FISSURES OF DEF CULTURE

TEJIENDO TELARAÑAS Y RAÍCES: ENTREMEDIOS DE LA CULTURA DEF

Isadora do Prado Ifanger

Isadora do Prado Ifanger

Artista DEF, atriz formada em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestra em Artes da Cena pela escola Célia Helena em parceria com a Fundação Itaú Cultural, onde realizou a pesquisa intitulada "Deforma: perspectivas ancestrais e culturais através de um corpo DEF". É audiodescritora e produtora cultural com foco em acessibilidade, coordenando uma equipe formada por profissionais com deficiência.

É gestora na frente de acessibilidade e cultura DEF do espaço de ocupação cultural Sala dos Toninhos - Rede Usina Geradora de Cultura, em Campinas/SP. Idealizadora atuante do espetáculo solo *Inunda-me*, de direção de Gabriela Ramos e também da performance *DEFORMA*, com direção de Estela Lapponi, ambos em circulação atualmente (2025/2026).

E-mail: isadoraifanger@gmail.com

Resumo

O que pode uma criatura capaz de nascer e viver em todas as ancestralidades e mesmo assim não pertencer a lugar algum? Este bordado-artigo pretensiosamente busca pelo diálogo entre a cultura DEF e sua ancestralidade, discutindo formas possíveis de se pensar na ancestralidade de um povo marginal que, em sua maioria, não possui uma árvore genealógica que condiz com sua própria identificação, além de elaborar pensamentos deformados do que é a cultura desse povo. Mais pretensiosamente ainda, tem intuito de falar sobre afeto para com os corpos com deficiência por meio de uma linguagem audiodescrita de um bordado.

Palavras-chave: ancestralidade, deficiência, cultura, deformar, cultura DEF.

Abstract

A creature that is born and able to live amongst all different ancestries but without being able to fit in any place, what is it capable of? This embroidery study pretentiously searches for a dialogue between the culture of the people with disabilities and their ancestry, discussing possible ways to think about the ancestry of a marginal group, that, in its majority, possesses no family tree that is compatible with their own identity, and elaborates deformed pieces of thoughts about these people's culture. On an even more pretentious side, it also aims to talk about affection toward bodies with disabilities via the audio descriptive language of an embroidery.

Keywords: ancestry, disability, culture, wonky, disabled culture.

Resumen

¿Qué puede hacer una criatura capaz de nacer y vivir en todas las ancestralidades y aún no pertenecer a ningún lugar? Este bordado-artículo busca pretenciosamente el diálogo entre la cultura DEF y su ancestralidad para discutir los posibles modos de pensar en la ancestralidad de un pueblo marginal que, en su mayoría, no tiene un árbol genealógico que coincida con su propia identificación, además de elaborar pensamientos deformados de lo que es la cultura de este pueblo. De manera aún más pretenciosa, pretende hablar del afecto hacia los cuerpos con discapacidad mediante un lenguaje audiodescrito del bordado.

Palabras clave: ancestralidad, discapacidad, cultura, deformar, cultura DEF.

Primeiro nó

É dia, no braço de um sofá marrom-claro parte de um tecido bege de algodão cru emoldurado em um bastidor, sobre ele agulha e linha vermelha. Sento-me e em oposição a mim a grande janela aberta com vista para a pitangueira do quintal.

Agora que você se sentou comigo, nós passamos juntas a linha na agulha e damos o primeiro nó para fixar a linha no tecido. Convido que você trace comigo as linhas e não se preocupe se for necessário se distanciar e observar caso eu comece a traçar pontos que você talvez não conheça. Eu bordo o processo de criação deste artigo como forma de concretizar as ideias e transformá-las em algo palpável, tátil. Eu bordo para que não me apaguem.

Traços essas linhas através de minha própria experiência enquanto pessoa e artista DEF, de minhas vivências e trocas com demais artistas que dialogam sobre temáticas semelhantes e por meio do meu próprio caminho e histórico de criações. Esse texto só se faz possível de existir a partir do momento em que tenho outras pessoas com deficiência para dialogar, pois nesse momento em que eu o escrevo estou vivendo pela primeira vez, só agora aos 24 anos, a possibilidade de estar com outras pessoas com deficiência em um espaço de ensino, que no meu caso é o mestrado.

Faço este lembrete importante de ressaltar que aqui trago a experiência por meio de UM corpo DEF, o meu. Mas nada aqui existiria se não fosse a vivência coletiva com os meus semelhantes e neles me espelho para tentar solucionar as dúvidas que aqui discorro.

Virando o tecido, que no bordado chamamos de avesso, estão um emaranhado de linhas desnorteadas em que eu encontro a pergunta: o que pode um corpo metamorfo? Eu já existi em muitas vidas. O que pode um corpo capaz de permear todos os corpos e corpos? Você tem medo, tem? Não se preocupe, eu não estou falando de um parasita, não. Digo, o que pode uma criatura capaz de nascer e viver em todas as ancestralidades – sendo essas ancestralidades códigos genéticos que dão vida a árvores genealógicas – e mesmo assim não pertencer a lugar algum?

No momento social atual muito se discute em movimentos de gênero e em movimentos de pessoas não brancas sobre resgatar e se apropriar da

ancestralidade de corpos que há muito foram privados e tiveram suas histórias mutiladas. Essas histórias também se repetem aos corpos com deficiência. Mas como buscar a ancestralidade de um corpo sem antepassados?

Rejeitados e mortos em um processo de eugenia que se perpetua até hoje pelo capacitismo¹, pessoas com deficiência (PCD) têm seus ancestrais e histórias podados de todas as culturas e espaços dos quais tentamos habitar (quando falo desses corpos, falo de mim também, pertencente a esse grupo), sendo rejeitados até mesmo entre outros rejeitados socialmente. Não estamos nos museus, não estamos nos palcos e muitas vezes não estamos nem nas escolas. A insistência que você bípede² tem em nos aniquilar faz com que, mesmo sendo pessoas com corpos e deficiências extremamente diferentes, nos tornemos um grupo de resistência para lutar pelas nossas vidas, que têm em comum a prática natural e intrínseca (a nós) de causar incômodo ao habitar todos e qualquer espaço. Nessa relação de incômodo nos é direcionado um movimento de desacolhimento, o que nos leva muitas vezes a um estado de distanciamento em relação ao próprio corpo, gerando ira em relação a nossa deficiência. No decorrer dessas palavras e imagens que bordo quero traçar o avesso, propor uma relação de amor por nossos corpos, nossas histórias e nossos atos de deformar³ espaços e ideias que não nos cabem, para resgatar e nos apropriar da nossa ancestralidade. Aqui não tenho a pretensão de desvendar todo o histórico do corpo DEF⁴, mas sim propor formas possíveis de pensarmos a respeito dessas temáticas por meio da nossa própria perspectiva a desvincular das ideias habituais da cultura bípede.

1. Capacitismo: nome dado ao preconceito sobre pessoas com deficiência, conceito traduzido por Anahi Guedes, mulher DEF lésbica doutora em Antropologia.
2. Bípede: pessoas sem deficiência, conceito elaborado pelo artista e professor DEF Edu O., abordado no tópico “A mariposa” desta tecitura. Para se aprofundar no termo, recomendo o vídeo do próprio Edu O: Carta aos bípedes [...] (2020).
3. Deformar: termo relacionado e apropriado a partir da deformidade de nossos próprios corpos com deficiência e que aqui significa romper, rasgar, transformar ideias naturalizadas pelos bípedes.
4. DEF: gíria criada pela pesquisadora e doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Carolina Teixeira, de Natal (RN), artista DEF, ex-integrante do grupo Roda Viva e escritora do livro *Deficiência em cena*.

Teia e raiz

No canto inferior esquerdo do tecido retangular disposto na horizontal, há linhas grossas traçadas na horizontal e, entre elas, linhas finas na vertical que formam o traçado de teias. Em contraponto, no canto superior direito, o comprimento de corpos finos e cônicos preenchidos em ponto cheio, dando vida às raízes. Antes de continuarmos, lembre-se de não se deixar levar pelo comum ao construir essas imagens, aqui trabalhamos com a assimetria das formas.

As duas formas se estendem como forças de ímãs até se encontrarem no centro do tecido para discutir: O que é uma ancestralidade **teia** e o que é uma ancestralidade **raiz**? Onde elas se entremeiam?

É necessário contextualizar que o termo “ancestralidade” tem sido discutido entre diversos grupos sociais, e aqui tomo como uma das referências, tanto social como poético, a imagem da sankofa⁵, um ideograma africano que é representado pela imagem de um pássaro com a cabeça voltada para trás, ou também por duas espirais que se encontram espelhadas, formando um coração (muito comumente encontradas em desenhos de grades de portões). A cabeça da ave está voltada para trás como quem observa o passado e a imagem se complementa com o provérbio africano “*Se você esquecer, não é proibido voltar para trás e reconstruir*”. Com base nessas imagens, entendo a ancestralidade como uma retomada de quem somos.

Apresento a **raiz** como um conceito mais óbvio que nos remete à ideia de árvore genealógica, em que a ancestralidade está vinculada a uma ligação sanguínea. Em contraponto, proponho pensarmos na **teia**, esta entende-se enquanto uma ancestralidade que não é necessariamente genética, mas sim cultural de corpos que são rejeitados perante os corpos sem deficiência e que em algum lugar nessa rejeição se tornam um grupo à margem que cria sua própria cultura e maneiras de resistir. Corpos DEFs permeiam corpos de pessoas brancas e racializadas, pessoas cis, héteras, LGBTQIA+, pessoas gordas, pobres ou ricas, pois a deficiência não se limita a apenas uma forma de existir. Sendo assim, como dito no **primeiro nó**, somos corpos que permeiam todos os outros corpos e ancestralidades, mas mesmo habitando todas essas

5. Parte da cultura Ganense e arredores.

formas de existência ainda somos vistos como algo à parte, como estrangeiros, assim como propõe Jean Luc Nancy:

Acolher o estrangeiro, quer dizer também sua intrusão. O mais frequentemente, não se quer admiti-lo: o motivo do intruso é ele próprio uma intrusão em nossa correção moral (é mesmo um exemplo notável do “*politically correct*”). Entretanto, ele é indissociável da verdade do estrangeiro. Essa correção moral supõe que se receba o estrangeiro apagando no limiar sua estrangeiridade: ela quer, pois, que não o tenha absolutamente recebido. Mas o estrangeiro insiste e faz intrusão. É isso que não é fácil de receber, nem talvez de conceber [...] (Nancy, 2000, p. 3-4).

O estrangeiro carrega consigo sua estrangeiridade, sua esquisitice, a estranheza em meio à chamada normalidade. Nós, pessoas DEFs, somos estrangeiros de nossas próprias **raízes**, pois, na maioria das vezes, como é meu caso, nós não temos pais ou parentes com deficiência. Ninguém que eu tenha conhecido, que veio antes de mim em minha família, foi uma pessoa com deficiência, nasci um corpo intruso⁶ na minha própria árvore e por conta disso muito me inquieta a pensar como meus antepassados DEFs lidaram com situações das quais eu passei por toda vida, mas que não tive quem me mostrasse maneiras de existir, pois ninguém ao meu redor, no núcleo **raiz**, sabia reconhecer meu corpo. Agora a meus antepassados com deficiência, a esses muitas vezes foi negado o direito à vida.

Por isso, propor a imagem da **teia** me agrada, ao pensar sobre nossa ancestralidade. Na **teia**, cada linha uma vida e cada ponto um encontro. Nesses encontros, tecemos nossas afetividades, nos fortalecemos e nos entendemos como parentes não sanguíneos. A teia é o senso de coletividade que criamos a partir da necessidade de estarmos entre iguais (e quando digo iguais, entenda que são as pessoas mais diferentes e diversas que for possível, mas que se igualam enquanto identidade por meio da vivência do que é ser DEF) para que possamos trocar a respeito das nossas vivências, das nossas mazelas e de nossos amores, fortalecer esses fios que nos conectam, alinhavando nossas histórias, para que deixem de nos apagar e que entendam a nossa cultura como a de pessoas capazes de habitar todo tipo de vida.

6. Corpo intruso: conceito criado por Estela Lapponi, performer e videoartista DEF, mestra em Artes da Cena.

A respeito da identidade da pessoa com deficiência, quando falo sobre identidade DEF, precisamos ser críticos também a esse conceito. “Identidade” pode por reduzir muitas experiências para encontrar a hegemonia de um grupo, mas quando falamos do povo DEF, precisamos expandir o conceito de identidade por entender nossas múltiplas vivências, então quando trago essa palavra a ideia não é sempre buscar um marcador em comum que possa nos conectar enquanto identidade, mas reivindicar por nossas histórias podadas, para que tenhamos domínio sobre o nosso próprio corpo e exaltar nossas experiências.

Na nossa cultura, nós carregamos também a cultura de todos os outros povos e, com isso, nos apropriamos e resgatamos o **DEF ancestral**, entender que aqueles que vieram antes de nós, mesmo não sendo da nossa árvore, mas fazem parte das nossas costuras. Precisamos resgatar o fio da meada deixada por aqueles que nos antecederam para que deixemos de sempre começar do zero. Talvez eu seja a primeira na atual geração da minha família, mas muitos outros existiram, em famílias outras, antes de mim.

No entremeio da **teia**, tecemos todas as formas de existência. Se nos podam como corpos intrusos em nossas próprias árvores, buscamos resistir nem que seja no subsolo, por debaixo da terra. Veja, sei que agora pode parecer que estou me contradizendo, mas irei propor que nos entendamos também como **raízes**. Propus de nos distanciarmos desse termo para discutirmos a ancestralidade **teia**, mas agora quero que pensemos em sobrepor a **teia** na **raiz** mais profunda, de modo que as **raízes** de árvores e plantas diferentes, em algum momento ao se alastrarem por debaixo do solo no ímpeto de crescer, se encontrem, formando **teias** emaranhadas de **raízes** diversas — sendo essa também uma possível forma de pensar e ilustrar a construção da nossa ancestralidade, como traz biologicamente Tawana Roig:

Nos primeiros estágios de regeneração ecossistêmica, enquanto as primeiras plantas se consolidam no solo, são constituídas através da associação entre suas raízes e o micélio (fungos do solo), o maior sistema “neural” do planeta Terra. Essa fantástica associação é chamada de micorriza e, através da sua capacidade de comunicação e interação, aumenta a absorção de nutrientes, avisa sobre possíveis ameaças, distribui recursos. Apesar de plantas serem capazes de acessar água e nutrientes, elas só podem alcançar até o rádio de suas raízes — esses fungos ensinam as plantas a se conectarem abaixo do solo — **ensinam**

sobre a construção de uma comunidade em que decisões são tomadas pelo bem comum (Roig, 2024, grifo no original).

A ideia nunca foi de negar a raiz, mas expandir as formas de pensar a respeito das nossas conexões com nossos antepassados. Somos muito plurais para nos prendermos a uma única forma de nos entendermos enquanto indivíduos, e para um povo tão diverso, como é o povo DEF, também se faz necessária a diversidade de formas de pensar a ancestralidade. Não negamos a diferença que existe entre nós e o bípede, por isso acredito que não devemos também nos prender a uma ideia única de como criar **raízes**. Aterrar-se, enraizar-se, espalhar-se. Raiz.

No momento não penso nos galhos e nas folhas advindos desses mesmos membros embaixo da terra, penso nesses mesmos membros e sobre como essas **raízes** criam **teias** embaixo do solo, e como nessas **teias** criam-se relações que não são sanguíneo-seivas, mas sim famílias de seres desconhecidos que se entrelaçam e se sustentam, mesmo sem saber que criam em si um só corpo.

A mariposa

Ao centro do tecido, no entremeio das linhas entre a teia e a raiz, se consolida a imagem de uma mariposa⁷ com a asa inferior esquerda menor que a direita. Tornar-se DEF — assim como os conceitos de racialidade e gênero, por exemplo —, é um processo social, mas de entendimento individual. Mesmo com vivências diferentes, a pessoa com deficiência congênita e a que adquire uma deficiência ao longo da vida pelo motivo que seja, passam por uma transformação a respeito do entendimento do seu corpo em relação a si mesma e ao outro. Trago como imagem para esse processo que pensemos nessa transformação enquanto a metamorfose de uma mariposa, e não estou falando sobre uma fantasia mitológica, mas sim sobre a ideia de relacionar o ato de sair do casulo com o momento em que o indivíduo se reconhece

7. Algumas espécies se desenvolvem no casulo embaixo da terra. Em crenças populares, a mariposa é vista como mau-agouro, não sendo bem-vinda dentro das casas. Já nas crenças pagãs, simboliza renascer de si própria.

DEF e parte para a fase final de mariposa, que aqui exemplifica o auge da beleza e potencialidade do próprio corpo (físico e psíquico).

Já sabendo que nem sempre a PCD tem antepassados que se assemelham a ela, a construção da própria imagem pode se tornar confusa e distorcida por não conseguir se visualizar nas outras pessoas ao seu redor, mas sempre é percebido algo em que a desloca do padrão des outros, seja pelo olhar de terceiros para seu corpo, seja pela infantilização da forma como ela passa a ser tratada, seja pela limitação dos espaços do qual ela é designada a estar. Em qualquer lugar que ocupamos, sempre seremos colocados como diferentes em comparação com o bípede:

Você, talvez, não se dê conta, mas você é bípede. Sim, se você não possui nenhuma deficiência e é parte da categoria de pessoas construídas dentro de padrões normativos de corpo que consideram as experiências da deficiência como patologia; se nos olha com sentimento de pena, compaixão, coitadinho; se considera a pessoa com deficiência menos capaz, menos bela e improdutivo; se considera a deficiência como se fosse uma experiência única que se repete da mesma maneira para todas as pessoas e desconsidera a grande diversidade das deficiências e suas especificidades, além dos contextos pessoais, você é bípede. Se a sua inclusão quiser nos colocar nos cercadinhos específicos que mais excluem, sim, você é bípede. Se entende que o corpo sem deficiência é a única possibilidade de normalidade, sem dúvida, você é bípede (Edu O., 2020).

A bipedia nos fez pensar que somos inferiores em relação ao modo como eles operam o mundo e por isso o processo de se identificar como PCD pode ser doloroso, rasga a pele, cria cicatriz através dos pontos dos quais costuram nossos corpos. A deficiência nunca foi vista como algo possível, no máximo como objeto para prática de assédio religioso ao tornarem nossos corpos suscetíveis a um discurso de salvação e, se você também acredita nisso, sinto lhe informar, mas PCDs não salvam ninguém e nem garantem seu terreno no Céu. Todas essas imagens distorcidas e abusivas das quais o bípede trata as DEFs, nos distanciam do nosso próprio conhecimento, pois, nessa visão encaixotada, tornar-se DEF é perder possibilidades de vivências. Sabendo que somos criaturas que permeiam todas as possibilidades de existência, eu sou incapaz de acreditar nessas falácias. O que eu acredito é que

existe um esforço imensurável da parte da bipedia de nos apagar, pois sabem que a partir do momento que tivermos espaço para habitar igualmente entre eles, nós iremos deformar grande parte do que eles tomam como verdade, seja sobre nossos corpos ou sobre como devemos nos comportar em meio à sociedade que eles criaram.

Não, eu não estou dizendo que é fácil a etapa da metamorfose de tornar-se DEF, são muitas as barreiras e limitações criadas pela bipedia para dificultar o nosso acesso a uma vida com afeto, *“tem horas em que, de repente, o mundo vira pequenininho. Mas noutro de-repente ele já torna a ser demais de grande, outra vez. A gente deve de esperar o terceiro pensamento”* (Rosa, 2008, p. 68), um novo pensamento como uma terceira via do que nos é dado como verdade, pensar na identificação enquanto DEF em relação à mariposa é pensar na beleza de descobrir um novo corpo, entender seus próprios limites e saber impô-los quando necessário.

Nem tudo o que se vê será aquilo que de fato é
É indizível a imensidão de ser o que se é
Só com olhos não se pode ver, Nem com ouvidos escutar,
É preciso atravessar, se preencher de não saber

Nem tudo o que se vê será aquilo que de fato é E assim pra renascer,
reconhecer
Elucidar enfim, o que se é

(Música de Marcelo Onofri para o espetáculo *Desterradas*⁸, 2019)

Elucidar o que se é para enfim saber dar afeto ao próprio corpo e para es outres semelhantes, entender a potencialidade e se abrir para experienciar o corpo DEF é, ao contrário do que conta o bípede, uma relação de carinho e cuidado para redescobrir as formas de se fazer no mundo, e expandir as formas já conhecidas de realizar tarefas a partir do novo corpo com as novas potencialidades. Desencasular-se⁹ e tornar-se DEF enquanto identificação é

8. Espetáculo que construí junto a um coletivo de estudantes durante a graduação em Artes Cênicas na Unicamp, uma pesquisa a respeito de Medeia com direção musical de Marcelo Onofri.

9. Ato de sair do casulo capacitista e assistencial formado pela bipedia a respeito do que eles projetam em nossos corpos e nos apropriarmos de nós mesmos.

como ter um romance consigo mesmo, às vezes são necessárias as discussões e distanciamentos, mas amar-se enquanto pessoa com deficiência torna-se um ato político perante uma sociedade que nos priva de afeto. Tornar-se DEF é reivindicar o ser diferente, ser estranho, distanciar-se do comodismo da normalidade, pois igualar-se ao bípede é apagamento. Como a mariposa, renascer de si próprio reivindicando o próprio corpo como lugar de afeto.

Deformando espaços e temporalidade

Ao redor da mariposa formam-se linhas sinuosas com pequenos traços em sua extensão, dando vida ao formato de cicatrizes. Expor as cicatrizes, para mim que sou DEF física, é uma prática de expor meu amor pelo meu corpo e de reivindicar a minha cultura, reivindicar minhas próprias linhas bordadas em minha pele, pois toda vez que nós entramos em um ambiente nós deformamos esse ambiente e começamos a fazer parte dele. Um corpo de afeto é um corpo que afeta. Uso o termo **deformar** pensando diretamente na estética dos nossos corpos disformes e a partir do momento que entendo meu corpo como potência, a deformidade torna-se algo belo e bem-vindo. Transformar nosso vocabulário a partir do conceito de nossos corpos é construir também nossa cultura.

A sociedade do capital nos transforma em máquinas em que, na cultura da bipedia, a capacidade corporal compulsória¹⁰ é engrenagem do sistema em que vivemos. O bípede vive em busca de um corpo que se supera em ações, formatos e força, que se serve não apenas para alimentar esse sistema que corre em busca da sonhada perfeição. Falar sobre a cultura DEF é falar de corpos anticapitalistas que afrontam o atual sistema econômico, estruturas físicas e a noção temporal de funcionamento. Pesquisar e poetizar as estéticas disformes de nossos corpos é uma afronta a esse sistema que busca o embranquecimento das ideias, a busca por uma estética *clean*. Explorar as fisicalidades do corpo com deficiência enquanto estética de atuação no mundo nos leva para o caminho contrário ao que se espera da estética “limpa” do bípede, o movimento dos nossos corpos pressupõe assimetria e

10. Conceito trabalhado por Anahi Guedes, mulher DEF lésbica doutora em Antropologia.

partindo deste conceito existe uma infinidade de linguagens a serem exploradas. A despadronização do corpo é que desperta o novo. Quando corpos DEFs são identificados em meio à sociedade, uma das primeiras reações é de espanto, um susto por encontrar algo que foge tanto do comum que parece errado, por isso, ao apropriar-me de mim, me aproprio também desse espanto que me é direcionado e tomo essa ação como parte da minha existência e luta contra um sistema no qual não sou bem-vinda:

Assumir a importância da deficiência como categoria de análise epidemiológica, por exemplo, pode fortalecer a saúde coletiva na superação dos sistemas de opressão sustentados pelo capitalismo neoliberal, intimamente imbricados na corponormatividade de nossa estrutura social. Essa na qual o patriarcado, a branquitude e a cisheteronormatividade também são estruturantes e estão estruturalmente implicadas entre si (Mello, 2022, p. 3951).

Urge que na busca por reafirmar a ancestralidade de um povo marginalizado, também seja reafirmada sua cultura. Nossa cultura é afronte e por isso há o medo do bípede de que tomemos nossos locais de fala, para nossas formas de existir. Nós deformamos os espaços físicos deles construindo rampas, elevadores, corrimãos, pisos táteis, isolamentos acústicos. Deformamos seus meios de comunicação usando da língua de sinais e linguagens não verbais para nos expressarmos, deformamos sua noção de tempo ao caminharmos em outro ritmo, ao pensarmos e expormos ideias neurodiversas que operam em tempos que são naturais a nós, não construído de acordo com a demanda de mercado. Deformamos o modo de enxergar ao propormos o tatear das coisas, ao descrevermos as visualidades para que se transformem em imagens audíveis. Nossa cultura é tão rica e futurista que a bipedia é incapaz de acompanhar tamanha revolução, a cultura DEF é expansiva em seus modos de existência, pois, ao não nos encaixarmos nas formas simétricas ao qual insistem em nos colocar, nós expandimos os sentidos e reinventamos nossas práticas fazendo de nossas assimetrias nossa própria revolução, assim como afronta Billy Saga:

A hegemonia bípede, agora está fadada
A roda da cadeira na sua unha encravada
Linha de frente incômodo ser eu só tanta gente
Vou te prender no labirinto da minha mente

Sua soberania me causava medo
Mas eu matei, exorcizei, sentei o dedo
No centro da ferida de toda a esquisitice Saí pelado passeando com
Zuleika Brit
Grafitei calçadas de ruas onde nascia arruda Tags subliminares contra
autoajuda
E do fundo do abismo os normais me olharam confusos
Eu que estava no topo, logo eu, um corpo intruso

Um incômodo, uma desordem, um estrangeiro
Um fora do contexto mesmo entre os maloqueiro
Estranho feio e frágil, um obtuso
Profano não colonizado, um corpo intruso (Billy [...], 2021).

Incômodo, improdutivo, incapaz, insuficiente, incompleto. Não, indomável. Por sermos indomáveis que tanto se faz barulho e se incomodam conosco, por não nos encaixarmos na realidade reduzida, restrita, da qual você, bípede, criou, nós inventamos a nossa própria com uma tecnologia sensorial avançada demais para um sistema falido. Eu acredito na cultura DEF como a dos ancestrais do futuro.

Nó final

Fim de tarde, já se passaram semanas (pois assim como os corpos DEFs, o bordado manual propõe um tempo diferente ao que se espera da imediatez mercadológica) e chegamos ao último nó em que é possível visualizar o todo da trama: em um tecido retangular bege de algodão cru, o bordado em tons de vermelho com uma mariposa ao centro. A mariposa tem a asa inferior esquerda menor que a direita, ao redor dela linhas sinuosas com pequenos traços por toda extensão formam o desenho de cicatrizes. Do canto inferior esquerdo, linhas grossas na horizontal e entre elas linhas finas verticais formam uma teia, em contraponto, no canto superior direito, o comprimento de corpos finos e cônicos preenchidos em ponto cheio dão vida às raízes. Ambas as imagens desembocam na mariposa ao centro. Mais uma vez, lembre-se de não se deixar levar por uma estética bípede ao construir essas imagens, aqui nós exploramos a estética assimétrica das formas.

Nesse bordado torno palpável minhas ideias e transformo em imagens táteis a minha pesquisa por acreditar em diferentes formas de conhecimento e de mediação com o público que eu quero que tenha acesso ao meu material. Não projeto neste meu emaranhado de linhas bordadas o desvendar de todos os antepassados não sanguíneos da PCD, muito menos a criação de uma nova cultura, mas sim instigar a busca pela continuidade da criação das teias de relações para que haja continuidade na expectativa de vida desses corpos e para que em algum momento seja possível fixar as raízes dessa cultura nesse solo em que ainda somos estrangeiros.

Um corpo que não tem raízes sanguíneas cria teias de afeto. Cada linha uma vida, cada nó um encontro, no encontro o deformatar das ideias como construção de memórias do futuro, nos nós, emaranhados de conhecimentos ancestrais. Corpos do presente que se espelham nos ancestrais do futuro com movimentos físicos, sensorialidades e sinapses avançadas demais, todas essas tecnologias orgânicas de nossos corpos geram medo num presente em que o capital limita as pluralidades de vida. Apropriar-se de nossas estéticas como forma de tecer o destino de um povo esguio que desliza por várias culturas sem ser notado.

Nós, existindo no hoje, já somos ancestrais daqueles que virão. Lutar pela nossa cultura que deforma a normalidade é lutar por nossa existência.

Visualizar nossas próprias veias como teias do corpo é entender-se ancestral entremeado de afeto.

Bibliografia

- BILLY Saga – Corpo Intruso | Clipe Oficial. [s. l.: s. n.], 2021. Publicado pelo canal Billy Saga. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://youtu.be/ZU4VSzUhwVE>. Acesso em: 6 de jul. 2022.
- CARTA AOS BÍPEDES #2 – com LIBRAS. [s. l.: s. n.], 2020. Publicado pelo canal Edu O. 1 vídeo (17 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tpLn-3Vr2HHk>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- EDU O. Carta aos bípedes. **O corpo perturbador**, 1. Jul. 2020. Disponível em: <https://ocorpoperturbador.blogspot.com/search?q=carta+aos+b%C3%ADpedes>. Acesso em: 5 out. 2022.
- MELLO, Anahi Guedes de. Gramáticas do capacitismo: diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 10, p. 3949-3958, 2022.

NANCY, Jean Luc. **O intruso**. Paris: Éditions Galilée, 2000.

ROIG, Tawana. Às raízes entrelaçadas ao micélio tecem conexões profundas no solo.

Medium, 2 jan. 2024. Disponível em: <https://medium.com/@tawanaroig/%C3%A0s-ra%C3%ADzes-entrela%C3%A7adas-ao-mic%C3%A9lio-tecem-conex%C3%B5es-profundas-no-solo-d35804cd3f22>. Acesso em: 2 mar. 2023.

ROSA, João Guimarães. Nenhum, nenhuma. *In*: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 62-68.